



Autoethnography in education research

A Autoetnografia na pesquisa em educação

Autoetnografía en la investigación educativa

Jonas dos Reis Souza¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Jonas dos Reis Souza

E-mail: jonareis@academico.ufs.br

Como citar: Souza, J. R. (2024). Autoethnography in education research. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 3(1), e13589. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks5119195>

RESUMO

Este texto nasce de uma reflexão autoetnográfica sobre a trajetória acadêmica e as experiências de um pesquisador gay no ensino superior, discutindo os desafios impostos pela heteronormatividade e pela LGBTfobia na universidade. Partindo do lugar silencioso e marginalizado onde as experiências e narrativas vivenciadas são exiladas pela heteronormatividade e métodos positivistas de fazer ciência, a autoetnografia, como rota alternativa, é utilizada como ferramenta metodológica para integrar subjetividade e análise crítica, rompendo com paradigmas positivistas e valorizando as vivências individuais como fontes de conhecimento científico. A partir das abordagens de Ellis et al. (2015), Lopez-Cano e Opazo (2014), McLaurin (2003) e Oliveira Neto (2022), o texto explora a memória, a auto-observação e a autorreflexão como estratégias de investigação. A pesquisa demonstra como a autoetnografia possibilita resistência acadêmica e amplia espaços para narrativas dissidentes, promovendo uma produção de conhecimento mais inclusiva. Assim, conclui-se que essa metodologia contribui para a compreensão das dinâmicas de exclusão e pertencimento na universidade, reforçando a necessidade de ambientes acadêmicos mais acolhedores para identidades LGBTQIAPN+.

Palavras-chave: Autoetnografia. Pesquisa Autoetnografia. Pesquisa em Educação.

ABSTRACT

This text is born from an autoethnographic reflection on the academic trajectory and experiences of a gay researcher in higher education, discussing the challenges imposed by heteronormativity and LGBTphobia in the university. Starting from the silent and marginalized place where lived experiences and narratives are exiled by heteronormativity and positivist methods of doing science, autoethnography, as an alternative route, is used as a methodological tool to integrate subjectivity and critical analysis, breaking with positivist paradigms and valuing individual experiences as sources of scientific knowledge. Based on the approaches of Ellis et al. (2015), Lopez-Cano and Opazo (2014), McLaurin (2003) and Oliveira Neto (2022),

the text explores memory, self-observation and self-reflection as research strategies. The research demonstrates how autoethnography enables academic resistance and expands spaces for dissident narratives, promoting a more inclusive production of knowledge. Thus, it is concluded that this methodology contributes to the understanding of the dynamics of exclusion and belonging in the university, reinforcing the need for more welcoming academic environments for LGBTQIAPN+ identities.

Keywords: Autoethnography. Autoethnography Research. Research in Education.

RESUMEN

Este texto surge de una reflexión autoetnográfica sobre la trayectoria académica y las experiencias de un investigador gay en la educación superior, discutiendo los desafíos que imponen la heteronormatividad y la LGBTfobia en la universidad. Partiendo del lugar silencioso y marginado donde las experiencias vividas y las narrativas son exiliadas por la heteronormatividad y los métodos positivistas de hacer ciencia, la autoetnografía, como ruta alternativa, se utiliza como herramienta metodológica para integrar la subjetividad y el análisis crítico, rompiendo con paradigmas positivistas y valorando las experiencias individuales como fuentes de conocimiento científico. Basado en los enfoques de Ellis et al. (2015), López-Cano y Opazo (2014), McLaurin (2003) y Oliveira Neto (2022), el texto explora la memoria, la autoobservación y la autorreflexión como estrategias de investigación. La investigación demuestra cómo la autoetnografía posibilita la resistencia académica y amplía espacios para narrativas disidentes, promoviendo una producción de conocimiento más inclusiva. Así, se concluye que esta metodología contribuye a la comprensión de las dinámicas de exclusión y pertenencia en la universidad, reforzando la necesidad de entornos académicos más acogedores para las identidades LGBTQIAPN+.

Palabras clave: Autoetnografía. Investigación autoetnográfica. Investigación en Educación.

INTRODUÇÃO

Este texto nasce do inquieto desejo de um pesquisador em refletir sobre as experiências que emergem dos encontros entre a academia e as subjetividades dos indivíduos. Busca-se explorar como as percepções e a consciência de si, ao serem integradas a uma postura ético-política, no processo de empoderamento científico. Ao me reconhecer como um homem gay estudante de mestrado, percebi que minha trajetória acadêmica e pessoal está intrinsecamente vinculada às experiências vivenciadas como alguém que desafia as normativas de sexualidade estabelecidas socialmente. Ao longo da minha formação, o percurso foi marcado por momentos que exigiram resiliência e reflexão sobre a minha presença e legitimidade dentro do ambiente universitário.

A proposta de escrever um texto autoetnográfico parte do entendimento de que minha experiência individual não é isolada, mas, sim, representa um ponto de intersecção entre questões identitárias, sociais e políticas. A academia, em muitos momentos, tornou-se um espaço que exigiu de mim estratégias de enfrentamento à LGBTfobia, a "discriminação contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e qualquer um que tenha orientação sexual ou identidade de gênero destoantes da heterossexualidade" (BRASIL DE DIREITOS, 2023), tanto em suas formas sutis quanto explícitas. Dessa forma, utilizo o relato autoetnográfico buscando explorar como a minha identidade enquanto homem gay se manifestou e influenciou meu processo formativo, a produção de conhecimento e o meu posicionamento crítico diante dos desafios impostos pela heteronormatividade presente na vida acadêmica.

Dentro desse processo de des-pesquisar proponho explorar a autoetnografia como uma metodologia potente e transformadora, especialmente por ser uma ferramenta que busca dar destaque às vivências que os métodos positivistas consideram não importantes em um

processo de construção de conhecimento científico. A autoetnografia, ao integrar as experiências pessoais e emocionais do pesquisador com a análise crítica, rompe com as tradições normativas da academia, permitindo que as vivências individuais se conectem com questões culturais e sociais mais amplas.

Ellis et al (2015) define a autoetnografia como “uma abordagem de investigação e escrita que visa descrever e analisar de forma sistemática a experiência pessoal para compreender a experiência cultural” (ELLIS et al, 2015, p. 1, tradução nossa). Para a autora, um estudo autoetnográfico tem a capacidade de produzir pesquisas significativas, envolventes e acessíveis, fundamentando-se em experiências e vivências individuais, com o propósito de sensibilizar os leitores para experiências silenciadas, questões de identidade política e formas de representatividade que ampliam a empatia.

Enxergo a autoetnografia como uma rota alternativa para dar voz às experiências de alunos LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais) que enfrentam preconceitos dos diversos modos em seus percursos acadêmicos, muitas vezes atravessados por desafios como o silenciamento e a marginalização. Ao adotar essa abordagem, o pesquisador não apenas narra suas experiências, mas as utiliza como base para uma reflexão crítica sobre a heteronormatividade e as estruturas sociais que moldam o ambiente acadêmico. Essa metodologia permite a construção de um conhecimento que não apenas reconhece, mas valoriza as subjetividades e as experiências pessoais e coletivas.

Nesse sentido, destaco duas pesquisas que fornecem suporte metodológico ao desenho de estudo da presente proposta. A primeira é o texto intitulado *Homophobia: An Autoethnographic Story* (MCLAURIN, 2003), a autora, através de suas escrituras e utilizando da memória pessoal e da auto-reflexão, discute a aceitação da sexualidade e a luta contra a homofobia trilhando cronologicamente como fora atravessada pela repressão nos contextos sociais que esteve inserida. A segunda, refere-se a pesquisa de doutorado de José Da Silva Oliveira Neto, em sua tese *Relações entre colonialidade e homofobia internalizada: um estudo com jovens universitários brasileiros* (NETO, 2022), onde autor discute como a colonialidade do gênero reforça a homofobia na sociedade e está inserida no ambiente universitário. Através da autoetnografia e do estudo das narrativas ele descreve os sentimentos, contradições nas relações de jovens com a homofobia. O autor também evidencia como a universidade, responsável pela formação de profissionais, também é envolta pelos moldes moderno-coloniais, ratificando o papel social na construção de caminhos frente a redução da homofobia.

As formas de abordagem da autoetnografia se configuram de acordo com a consciência do autoetnógrafo, implicando na introspecção crítica de si mesmo, do outro e do ambiente, através da análise de suas ações e percepções dos diálogos com os outros. Destarte, essa metodologia insere e retifica o plano subjetivo no universo da pesquisa científica de cunho qualitativo.

METODOLOGIA

A autoetnografia apresenta uma abordagem contracolonial que contrasta com métodos positivistas tradicionais, ao recusar a separação entre o pesquisador e seu objeto de estudo. O pesquisador é visto como parte integrante da pesquisa, e suas experiências e emoções são elementos essenciais para a produção do conhecimento (Lopez-Cano e Opazo, 2014). Em pesquisas que investigam identidades queer, por exemplo, a autoetnografia é particularmente relevante para compreender como as dinâmicas sociais tensionam as vidas e impulsionam movimentos pessoais estratégicos de resistência para sobrevivência produzindo, conforme Neto (2022), um saber contestatório, que, por sua vez, desafia vigorosamente as fronteiras

impostas pelo colonialismo e pela colonialidade na modernidade, permitindo que suas narrativas sejam reveladas e examinadas de maneira crítica.

Esse método também confronta a hegemonia acadêmica, que muitas vezes exclui ou marginaliza as subjetividades dissidentes. Ao incorporar memórias e emoções, a autoetnografia proporciona uma forma de resistência contra essas estruturas normativas. Além disso, promove um conhecimento mais acessível e engajado, conectando experiências pessoais a questões mais amplas de resistência e transformação social.

O Percorso Autoetnográfico do Pesquisador

No decorrer de meus estudos autoetnográficos, tenho buscado refletir sobre minha própria trajetória como um homem gay na pesquisa, destacando como minhas experiências de enfrentamento à LGBTfobia influenciaram minha percepção, segurança em me posicionar e produzir conhecimento. O uso da autoetnografia me permite uma análise aprofundada das micropolíticas de silenciamento e resistência vivenciadas, evidenciando como as normas heteronormativas afetam diretamente minha atuação acadêmica como um LGBTQIAPN+.

O texto autoetnográfico revela as estratégias de resistência utilizadas pelo pesquisador ao longo de sua formação acadêmica, desde a renegociação de sua identidade até o enfrentamento de preconceitos sutis e explícitos.

Utilizando elementos da autobiografia e da etnografia para refletir experiências pessoais como meio de entender experiências culturais e suas influências no processo de reconhecimento de si no ambiente acadêmico. Esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador investigar e narrar suas próprias vivências e as contextua culturalmente, considerando a pesquisa como um ato político e socialmente consciente.

No percurso autoetnográfico, uma prática comum é reconstruir memórias pessoais com textos, imagens, objetos, sons, que pode ser feito por meio de cronologias e auto-inventários. Por exemplo, criar uma linha do tempo dos eventos significativos relacionados à sua trajetória acadêmica ou refletir sobre pessoas, ações e experiências que influenciaram o desenvolvimento de sua identidade e valores (Lopez-Cano e Opazo, 2014). Esse processo não só fornece compreensão sobre o impacto da cultura e da sociedade nas vivências individuais, mas também permite que o pesquisador identifique padrões que se aplicam a outras pessoas em situações similares, criando uma ponte entre o pessoal e o coletivo.

A autoetnografia, portanto, não se limita a relatar experiências individuais, mas contribui para uma discussão mais ampla sobre a necessidade de ambientes acadêmicos mais inclusivos e acolhedores (Ellis et al, 2015).

Tipos de Autoetnografia e Suas Abordagens

Lopez-Cano e Opazo (2014) classificam a autoetnografia em três tipos: descritiva, analítica e crítica. Cada uma dessas abordagens oferece diferentes formas de explorar as experiências do pesquisador. Na autoetnografia descritiva, há uma ênfase na narração de fatos sem uma análise aprofundada apresentando os dados de maneira direta, sem incluir interpretação ou julgamento; na analítica, o foco é na reflexão crítica sobre as experiências vividas, exige registros precisos e detalhados, com o objetivo de explorar as situações, promovendo reflexões e epifanias a partir dessas observações; enquanto na crítica, o objetivo é desafiar e transformar as estruturas sociais e culturais, identificando de suas limitações e falhas, permitindo que se construa uma argumentação.

Lopez-Cano e Opazo (2014) também apresentam estratégias metodológicas para a coleta de dados autoetnográficos, como a memória pessoal, a auto-observação e a autorreflexão:

A memória pessoal é uma potente ferramenta na pesquisa em educação uma vez que permite revisitar e compreender mais profundamente o próprio percurso acadêmico, as mudanças nos interesses e nas formas de perceber o ambiente institucional e social. Através

desse resgate, torna-se possível refletir sobre a postura ético-política adotada, principalmente diante das experiências de resistência e afirmação de identidade em um espaço muitas vezes permeado por normatividades que desconsideram outras vivências.

A *auto-observação* integra a gravação de atividades para análise posterior, podendo ser em vídeo, áudio ou texto, assim oferecendo uma visão crítica dos próprios gestos e interações, com anotações imediatas sobre sentimentos e pensamentos durante e após as ações. Essa combinação permite ao pesquisador capturar reações autênticas e obter uma compreensão mais profunda de suas vivências acadêmicas.

Já na *auto-reflexão* sugere distanciar-se das práticas cotidianas para refletir sobre as experiências de maneira mais ampla, identificando padrões, emoções e respostas que se manifestam ao longo do tempo. Esse processo facilita a percepção de como as vivências acadêmicas, sociais e pessoais se entrelaçam, revelando padrões de enfrentamento, afirmação e o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Esses métodos permitem ao pesquisador examinar suas próprias vivências e emoções de forma sistemática, conectando-as com o contexto social e cultural mais amplo. A análise de artefatos pré-existentes como fotos, vídeos, desenhos, áudios, cartas e a realização de entrevistas autoetnográficas também são destacadas como ferramentas importantes para a construção de uma narrativa reflexiva e crítica que nos permitem revisitar momentos que exemplifiquem teorias existentes e que discutam os impactos dessas experiências na vida pessoal e em sociedade.

CONCLUSÃO

Durante minhas andanças acadêmicas me vi diversas vezes perdido em como separar minha trajetória-vida da minha trajetória-pesquisador, me questionando sempre como poderia descolar a pele do corpo, as lembranças das reflexões e meu corpo gay marcado por tantas histórias que me fizeram chegar na escrita desse texto. E foi buscando rotas alternativas que pudessem me ajudar a produzir conhecimento que a autoetnografia se revelou como uma metodologia capaz de produzir conhecimento relevante e acessível, desafiando as formas canônicas de pesquisa acadêmica. Ao permitir que o pesquisador integre suas experiências pessoais à investigação, essa abordagem não apenas valoriza a subjetividade, mas a utiliza como uma ferramenta para questionar as narrativas hegemônicas e promover uma produção de conhecimento mais inclusiva.

Além disso, a autoetnografia oferece uma oportunidade única para explorar como as questões de identidade, sexualidade e resistência se manifestam no ambiente acadêmico. Ao relatar suas próprias vivências, o pesquisador contribui para o debate sobre a importância de reconhecer e valorizar a diversidade nas universidades, reforçando a necessidade de criar espaços mais acolhedores e respeitosos para todos os sujeitos.

A autoetnográfico não apenas ilumina as trajetórias pessoais de pesquisadores, mas também evidencia como a academia pode ser transformada por meio da valorização dessas experiências. Ao adotar a autoetnografia como método, a pesquisa propõe uma forma de resistência à hegemonia acadêmica, oferecendo um caminho para a construção de um conhecimento mais engajado e politicamente posicionado.

AGRADECIMENTOS: O autor agradece o financiamento para a realização deste estudo fornecido pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Código de Financiamento 001.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. O autor leu e aprovou a versão final do manuscrito.

CONFLITOS DE INTERESSE: "O autor declara que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

Brasil. (2014). O que é LGBTfobia? Conheça os números do fenômeno no Brasil. Disponível em: <https://www.brasilledireitos.org.br/atualidades/o-que-lgbtfobia-conhea-os-umeros-do-fenmeno-no-brasil/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

Ellis, C., Adams, T. E., & Bochner, A. P. (2015). Autoetnografía: un panorama. *Astrolabio*, 14, 249-273.

López-Cano, R., & San Cristóbal, Ú. O. (2014). **Investigación artística en música**. Problemas, métodos, experiencias y modelos. Barcelona: Fondo Nacional Para la Cultura y las Artes.

Oliveira N. J. S. (2022). Relações entre colonialidade e homofobia internalizada: um estudo com jovens universitários brasileiros. 2022. 204 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Orientador: James Ferreira Moura Júnior.

Mclaurin, S. (2003). Homophobia: An Autoethnographic Story. **The Qualitative Report**, 8(3), 481-486.

Recebido: 3 de setembro de 2024 | **Aceito:** 26 de novembro de 2024 | **Publicado:** 31 de dezembro de 2024



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.